

“Pra Frente Brasil”, “Independência ou Morte” e o uso de música e cinema como propaganda oficial: engajamento ou encampação?

Evaldo Piccino

Mestre em Multimeios pela UNICAMP - Instituto de Artes

evaldopshell@hotmail.com

Resumo

Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1984) a censura e a repressão contra artistas que utilizaram suas obras como meios de propaganda de oposição ao governo tiveram como contraponto o patrulhamento ideológico contra aqueles que, por outro lado, tiveram suas obras utilizadas como propaganda oficial. Assim como muita coisa foi censurada e taxada como subversiva sem justificativa ou fundamento, tantas outras carregaram o pesado estigma do alinhamento com o regime, também sem que se investigasse de fato se houve intenção de engajamento por parte dos autores ou de encampação por parte do governo. O objetivo da comunicação é apontar e discutir brevemente sob esta ótica alguns casos concretos, focando a análise na ocasião das comemorações do sesquicentenário da proclamação da independência do Brasil (1972). Dentro deste período histórico serão abordadas três obras: as canções: “*Chamamos aos Heróis da Independência*” de Geraldo Filme, “*Hino do Sesquicentenário*” de Miguel Gustavo, autor também da marcha “*Pra frente Brasil*”) e o filme “*Independência ou Morte*” de Carlos Coimbra. A idéia é confrontar o conteúdo e a visão das obras com a visão oficial do governo militar sobre o fato histórico na ocasião do sesquicentenário e, a partir daí, levantar alguns elementos dentro das relações das obras e dos autores com o governo que possam apontar possíveis indícios de intenção de engajamento ou encampação no uso como propaganda oficial. Dentro deste contexto serão feitas referências a outras obras dos mesmos autores ou da época, outros meios de propaganda oficial e alguns documentos originais da época.

“Pra Frente Brasil”, “Independência ou Morte” e o uso de música e cinema como propaganda oficial: engajamento ou encampação?

Introdução:

Em 2004 ao tomar contato com a programação da mostra de cinema *Golpe de 64: amarga memória*, realizada no Centro Cultural São Paulo entre 9 a 24 de março deparei com um clássico do período: “*Independência ou Morte*” de Carlos Coimbra, exaustivamente exibido na década de setenta durante a Semana da Pátria em suas comemorações.

Quem, como eu, frequentou escola pública neste período certamente há de se lembrar destas exibições ao lado de canções como “*Eu te amo meu Brasil*” e “*Pra Frente Brasil*” que, oficial ou extra - oficialmente, eram usadas para enaltecer o regime militar.

Movido pela curiosidade e por uma certa nostalgia revi o filme, que acabou por me surpreender ao deixar uma dúvida: Até onde poderia o filme ser considerado de fato como propaganda oficial?

Num primeiro momento conversei com o curador da mostra Reinaldo Cardenuto Filho, que terminou me deixando ainda mais intrigado ao comentar sobre as exigências feitas pelo produtor executivo do filme, Aníbal Massaini, para a exibição do filme na mostra.

A partir daí pesquisei por iniciativa própria as canções da época, o que acabou por induzir-me a traçar uma breve análise paralela com uma área que melhor domino – a fonografia, em especial da música brasileira de massa – e, ao menos em nível da tentativa, procurar adotar alguns parâmetros para este artigo.

Procurei então subsídios para minhas questões iniciais: Seria intenção dos autores fazer propaganda oficial? O conteúdo coincide com a versão oficial do fato histórico retratado? O sucesso não seria fator preponderante para o uso das obras como tal? Para isso procurei também contextualizar a época de realização.

O sesquicentenário da Independência e a visão oficial do governo militar sobre o fato histórico na ocasião

Os festejos na ocasião das comemorações do sesquicentenário, ou seja, o aniversário de 150 anos da proclamação da Independência do Brasil (1822 –1972) foram oportunos para a resolução de impasses diplomáticos que envolviam Portugal e suas colônias africanas segundo relata o anuário da Rádio Jornal do Brasil de 1972¹:

“Em fins de novembro Mário Gibson Barbosa visitou nove países da África. O chanceler brasileiro foi recebido com homenagens carinhosas e obteve êxitos em sua busca de maior comércio com os africanos. Chegou-se a anunciar que o Brasil se oferecera como mediador entre Portugal e suas províncias na África, o que foi imediatamente desmentido, principalmente por que um dos pontos de maior realce da política externa brasileira durante o ano foi a aproximação com Portugal, a começar pela vinda dos restos mortais de D. Pedro I para o Brasil.

Os despojos foram entregues pelo presidente Américo Tomás, que chegou ao Rio no dia 22 de abril e foi recebido com barulhento regozijo pela colônia português:

- (voz de uma só pessoa): Viva o nosso presidente! Viva! Viva Portugal! Viva Portugal! Viva!

¹ A História de 1972 – ZYD-66 Rádio Jornal do Brasil AM/940 Khz. Documento Sonoro em Disco Continental; Produtor: Fernando Veiga; Locutores: Sérgio Chapelin e Eliakim Araújo. Gravações Elétricas, 1972.

- *(Presidente de Portugal): É com o olho no céu, que vos confio, meus irmãos brasileiros, os restos mortais do grande chefe, que criou há cento e cinqüenta anos esta pátria portentosa e que doou ao país o seu coração e os seus ideais.”*

Os próprios festejos dos cento e cinqüenta anos da independência incluíram-se neste contexto e, aos iniciá-los, o Presidente Médiçi declarava:

- Iniciando-se no dia de Tiradentes, nosso maior herói popular e patrono cívico da nação brasileira, as comemorações do sesquicentenário da independência, em um imenso encontro dos brasileiros com o Brasil dos brasileiros consigo mesmo, queremos todos significar que o povo é quem faz a história.

(off): Os restos mortais de D. Pedro I foram levados a diversos pontos do país e no dia sete de setembro depositados na cripta do monumento do Ipiranga em São Paulo.”

O início das comemorações coincidindo com no dia 22 de abril e a volta dos restos mortais de D. Pedro I para o Brasil e o final das comemorações com o depósito no monumento da independência no dia sete de setembro ilustram de maneira quase didática o alinhamento dos dois momentos históricos e de D. Pedro I com Tiradentes. Esse alinhamento demonstra uma clara intenção de aproximação com Portugal e martirização do imperador.

Essa noção de alinhamento de dois momentos históricos se fez presente em outra forma de propaganda claramente oficial que é a estampa de moedas, uma vez que a sua emissão é monopólio do estado.



A moeda comemorativa do Sesquicentenário da Independência trazia cunhada em uma face o mapa do Brasil com uma estrela central com traços radiais, imagem utilizada pela campanha institucional da Agência Nacional de Propaganda e na outra face as duas datas (1822 e 1972) unidas assim como as silhuetas de D. Pedro I e do Presidente Emílio G. Médici, exatamente como moeda comemorativa do Centenário da Independência (1922) fazia com o Presidente Epitácio Pessoa e os Brasões da República e do Império.

O uso de “*Hino do Sesquicentenário*”, “*Chamamos aos Heróis da Independência*” e outros meios como propaganda oficial

As datas comemorativas, em especial os cinquentenários e centenários, são tradicionalmente comemoradas no Brasil, haja vista as comemorações em 2004 das comemorações dos cinquenta anos do quatro centenário da fundação da cidade de São Paulo, ou seja a comemoração do aniversário do aniversário de um fato histórico. Nesta ocasião doze das dezesseis escolas de samba do primeiro grupo da cidade de São Paulo adotaram temas com referências à fundação da cidade em seus enredos e, por consequência, em seus sambas-enredo.

Apesar do fato das escolas de samba tratarem-se sempre de associações não ligadas diretamente ao estado, a tradição de referenciar fatos históricos é constatada há muito e

demonstra que, apesar de não-oficial na essência ou na intenção, um samba-enredo pode ser utilizado, ou ao menos associado, a esta finalidade, ainda que não alinhada ideologicamente.

Ao contrário da ocasião dos 450 da fundação de São Paulo, o sesquicentenário da independência foi adotado como tema do enredo e samba enredo apenas de uma Escola de samba em 1972, a escola de Samba Unidos do Peruche com “*Chamamos aos Heróis da Independência*” de autoria do compositor paulista Geraldo Filme.

“Chamamos aos Heróis da Independência”

Geraldo Filme

Chamamos aos Heróis da Independência

Presente presente

Trazendo o fogo sagrado da pátria

Iluminando quem nos fez independente

Lá nas Minas gerais

Houve um movimento e conjuração

Foi a Bahia e Pernambuco em São Paulo foi a decisão

Glória aos heróis que tombaram

Para nos dar um Brasil novo

Homens que não mediram sacrifício

Pela independência de seu povo

Liberdade

Palavra singela

Fosse eu pintor

Tua grandeza eu faria em aquarela

Liberdade

Ao levantar da espada

Lá na colina histórica

Risos e lágrimas com o brado

Independência ou morte

Senhores deixando palácios

Negros partindo as correntes

Índios saindo das matas

Unidos por um Brasil independente

Mil vidas tivessem dariam as mil

Pela independência do Brasil

Não foi em vão teu povo não esquece

A chama da liberdade nosso peito ainda aquece

Segue teu caminho meu Brasil

Alerta mocidade para manter acesa

A chama da nossa liberdade

No entanto o LP dos sambas-enredo, editado pela Federação das Escolas de Samba e pela Rádio Record tem como título “*Brasil, 150 anos de Independência*” e traz na capa um desenho do monumento da Independência. O tema predominante é mesmo São Paulo, presente em quatro das dez faixas. O texto da contra-capas é o seguinte²:

“ São Paulo foi a determinante da Independência do Brasil. Inegável através de monumentos, avenidas, ruas, viadutos, arranha-céus, gente...gente. Gente que constrói com amor. Com vontade de crescer o que já nasceu grande. São Paulo, um coração. Brasil. Um mundo novo, continental. Uma história, muitas estórias.

150 anos livres

150 anos presos: ao amor, à alma pura, ao sentimento valoroso da Pátria-Amada.

Brasil moreno, ritmo, terra, samba, São Paulo, Samba.

Samba de Escola, de gente moça, de companheiros de Rádio, de Jornal, de Turismo de Federação.

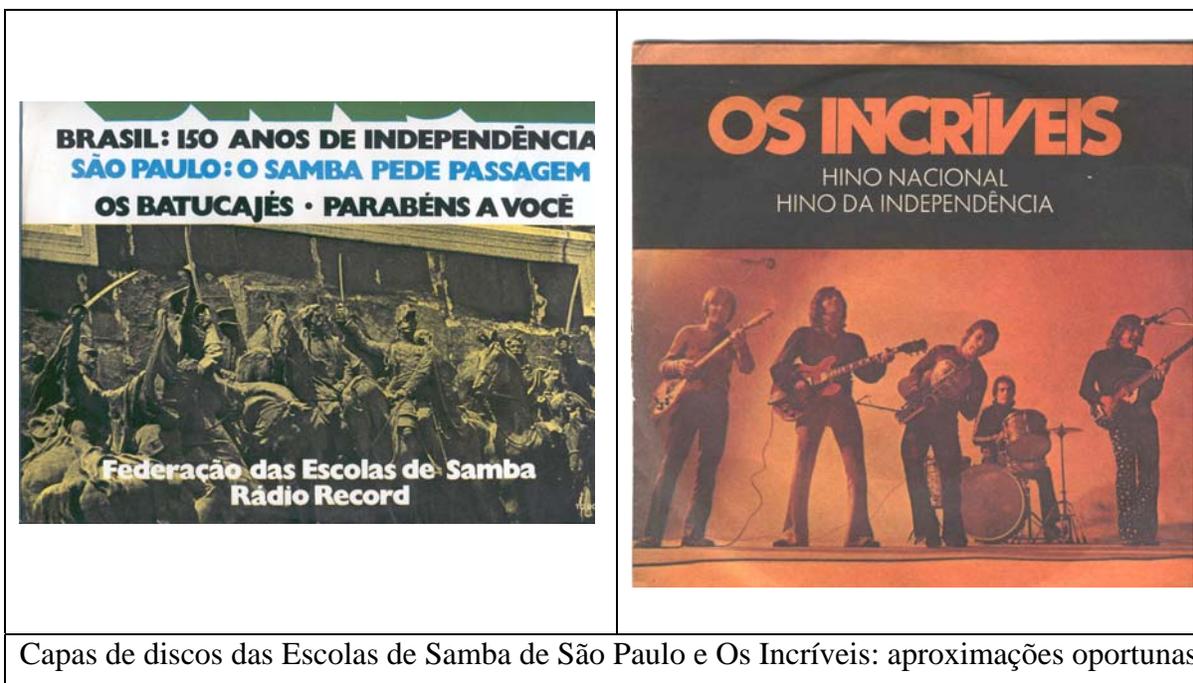
São Paulo, o grande enredo da Independência do Samba.”

Édison Guerra

² Encarte do LP TC-008 “*Brasil, 150 anos de Independência – São Paulo, o samba pede passagem.*” Tapeçar, 1972.

É evidente, senão uma intenção, ao menos uma aproximação bastante oportuna.

Oportuna também pode ser considerada a gravação em disco compacto do Hino da Independência pelo então popularíssimo conjunto musical Os Incríveis no ano de 1971 (LC-6700-RCA Victor). O arranjo do hino foi com base na formação de grupo de Iê-Iê-Iê: saxofone; órgão, guitarras e contra-baixo eletrônicos e bateria. Esta gravação foi um dos “hits” referentes às comemorações mais executados, em especial nas escolas públicas. De certa forma, pode ser encarada como um encampação às avessas, correndo até mesmo o risco de acusação de violação de símbolo nacional (como ocorreu em outros momentos com Caetano Veloso e Fafá de Belém como intérpretes do Hino Nacional).



Outra gravação de sucesso significativo foi o “*Hino do sesquicentenário*” de Miguel Gustavo. Sobre o autor, é bom lembrar que foi o compositor de grandes sucessos da MPB como “*Fanzoca de rádio*”, “*Café soçaito*” e “*O último dos moicanos*”. Compôs também jingles clássicos como o das Casas da Banha, Toddy e “*Pra frente Brasil*”, marcha executada como hino oficial da copa de 70 e tida como um dos grandes ícones da ditadura militar, que na verdade foi composta com a finalidade de servir como jingle, conforme relata MÁXIMO³ :

“...Grande sucesso. Como seria, 15 anos depois, um jingle que Gustavo fez por encomenda da Rádio Globo, para produtos que patrocinariam a cobertura da Copa de 70. Ficou tão boa a marcha, com tanto apelo e vibração, que pediram ao compositor para substituir os nomes dos produtos por algo mais geral e menos comercial. Pois o resultado, “Pra frente Brasil”, acabou virando sucesso nacional, hino da seleção tricampeã do mundo e uma das maiores peças de propaganda dos tempos do general Médici”

Diante desse sucesso, Miguel Gustavo foi então convidado oficialmente para compor o “*Hino do sesquicentenário*” no ano seguinte. No entanto faleceria no início de 1972 não chegando a presenciar as comemorações do evento. Apesar do caráter formalmente oficial, o sucesso do hino não foi tão intenso nem duradouro quando o de “*Pra frente Brasil*”.

“Hino do sesquicentenário”

Miguel Gustavo

Marco extraordinário

³ Máximo, João. *Jingle também acaba em samba* in O Globo; Rio de Janeiro: 2000.

Sesquicentenário da Independência

Potência de amor e paz

Esse Brasil faz coisas

Que ninguém imagina que faz

É Dom Pedro Primeiro

É Dom Pedro do grito

Esse grito de glória

Que afaga a história

E vitória nos traz

Na mistura das raças

Na esperança do rio

O imenso continente nossa gente Brasil

Sesquicentenário e vamos mais e mais

Na festa, no amor e na paz

Transcreverei a seguir a letra de “*Samba da vida*”, composição de Miguel Gustavo executada pela primeira vez na segunda eliminatória da I Bienal do Samba promovida pela TV Record de São Paulo e pela Revista Intervalo em 1968.

“Samba da vida”

Miguel Gustavo

Oh vida!

Você não tem jeito

Não se dá o respeito

Não se dá a razão

Fazer tanta gente subir e descer

Dormir e sonhar, acordar e sofrer

E lutar e vencer e morrer

Jogar tanta bomba, louvar quem jogou

Gritar liberdade e pender quem gritou

Gritar liberdade e pender quem gritou na multidão

Vida, você não

Vida, você não

O teor da letra, em especial do verso: “*Gritar liberdade e pender quem gritou na multidão*” não pode ser considerado exatamente de agrado do governo militar, ainda mais levando-se em conta que a bienal realizou-se apenas sete meses antes da promulgação do Ato Institucional nº 5, ponto máximo da repressão na ditadura.

Não cumpre aqui estabelecer parâmetros para mensurar o teor do conteúdo, comparar as canções citadas e eleger qual seria a mais enaltecida (ou contestadora) do regime militar ou coisa parecida, no entanto menciono fator um digno de nota:

“*Hino do sesquicentenário*” e “*Chamamos aos Heróis da Independência*” fazem ambos referências parecidas - como por exemplo a mistura e união de raças - , mas a composição de Geraldo Filme se aproxima mais do discurso oficial das comemorações do sesquicentenário pelo alinhamento simbólico que faz da proclamação da independência com a inconfidência mineira. Uma frase do refrão, salvo engano, coincide em letra e melodia com o Hino de Proclamação da República: *Liberdade (... abre as asas sobre nós...* é a frase que a precede no Hino), funcionando com uma citação. Não obstante, o autor raramente foi vítima de patrulhamento ideológico ou acusação de alinhamento com o regime militar, bem como jamais tenha deixado de formar juntamente com Paulo Vanzolini e Adoniran Barbosa a “santíssima trindade” do samba paulista.

Um caso emblematicamente oposto é o do compositor e cantor Ravel (Eduardo Gomes de Farias que, formou com seu irmão a dupla Dom e Ravel, autora da já citada “*Eu te amo meu Brasil*”). ÂNGELO⁴ menciona que, segundo Ravel, foram casos de encampação o uso de suas

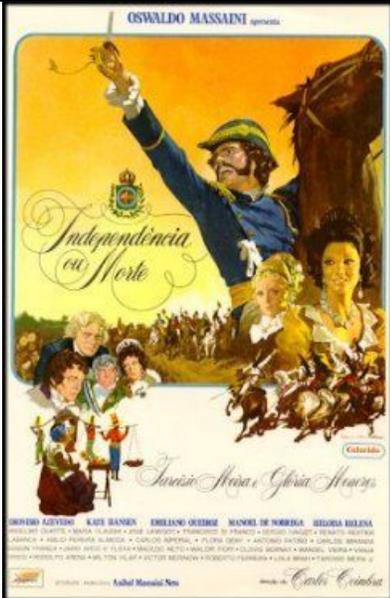
⁴ ÂNGELO, Assis. *Pascaligundum! Os Eternos Demônios da Garoa*. São Paulo: Ed. do Autor, 2009. O autor se refere ao debate “*Pós 68 na Música Brasileira: AI-5, Engajados, Alienados e Alinhados*” realizado em 08/11/2008 com Ravel, Theo de Barros, Edu Viola e o próprio Assis Ângelo. Sobre a trajetória de Ravel ver também:

CHAGAS, Luiz. *Direita, volver!* In Revista Istoé nº 1653, São Paulo, 06/06//2001.

canções “*Você também é responsável*” (em campanha publicitária do Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização) e “*Obrigado ao Homem do Campo*” (campanha do Programa de Incentivo à Agricultura). Segundo o autor, Ravel também teve um disco proibido pela censura, recolhido de todas as rádios, e liberado somente seis meses após (“*Animais Irracionais*” lançado em 1974 pela Copacabana). A declaração foi feita em debate na Biblioteca Temática de Musica Cassiano Ricardo:

“ É tudo mentira o que tem dito de nós. Somos vítimas. Somos injustiçados e como tal condenados e queimados vivos na fogueira da irracionalidade humana. Nunca apoiamos a violência, nunca apoiamos a direita. Sempre fomos apolíticos. Nunca fizemos musica por encomenda, tampouco para os militares.”

“Independência ou Morte” - a visão do filme sobre o fato histórico

	<p>“Independência ou Morte” (1972, cor,108 min)</p> <p>Direção: Carlos Coimbra</p> <p>Elenco: Tarcísio Meira, Glória Menezes. Dionísio de Azevedo, Kate Hansen, Anselmo Duarte, Abílio Pereira de Almeida.</p> <p>O Brasil, no começo do século XIX, é parte do Reino Unido de Portugal e Algarves. Com o regresso de D. João VI a Lisboa, permanece no país, como regente, o Príncipe D. Pedro de Alcântara, que após hesitar entre a obediência à corte de Lisboa e os anseios de libertação da nova pátria, decide em sete de setembro de 1822, tornar independente o Brasil.</p>
<p>Cartaz e sinopse do filme “Independência ou Morte”</p>	

Não se pode afirmar com propriedade que a visão que o “Independência ou Morte” mostre, em especial de D. Pedro I, coincida com a visão oficial. O personagem retratado se aproxima mais de um estereótipo do Imperador incoseqüente, adúltero e manipulável.

A imagem de incoseqüente é retratada desde as travessuras de infância e adolescência até vida adulta, em especial no seu relacionamento extraconjugal com Domitila de Castro, futura marquesa de Santos. Essa imagem começa então a fundir-se com a de adúltero, reforçado com o fato dos dois atores que representam o casal (Tarcísio Meira e Glória Menezes) serem casados de fato na vida real e muito populares em televisão desde 1963 como casal de personagens protagonistas em novelas da Rede Globo (*Homem que Deve Morrer*, *Irmãos Coragem*, *Rosa*

Rebelde e Sangue e areia) e TV Excelsior (*O grande segredo, Almas de pedra, A Deusa Vencida, Pedra Redonda, 39, Uma sombra em minha vida e 2-5499 Ocupado*).

A oposição das facetas do Imperador adúltero, inconseqüente e manipulável, é trabalhada desde o início do filme formando uma espécie de triângulo de relações entre o casal e José Bonifácio e tem seu ápice na cena em que, ao ser advertido pelo ministro sobre Domitila, o imperador acaba por demiti-lo, preferindo ficar com a amante. Em outra cena o título de Marquesa de Santos é concedido como forma de provocação à família Andrada, que era originária da cidade.

No entanto a moral prevalece e, ao retornar à Portugal, D. Pedro I confia a guarda de D. Pedro II, então criança à Bonifácio, com quem se reconcilia.

Contexto da época de realização do filme, relações com o governo Militar, intenções e encampação como propaganda oficial.

Em 1969 foi criada a Embrafilme e em 1972 foi realizado o primeiro Congresso da Indústria Cinematográfica no Brasil que apregoava uma indústria baseada na reserva de mercado, taxando o percentagem obrigatória de dias por ano de cinema nacional.

BERNARDET⁵ atenta para fato de que a partir de 1970 o Ministério da Educação tomou a iniciativa de aconselhar a produção de filmes históricos aos cineastas, não deixando mais a eles a espontaneidade de produzi-los, inclusive sugerindo temas. Ao analisar a eficácia das políticas estatais para incentivo à produções de filmes históricos, o autor afirma que o produtor Oswaldo Massaini não conseguiu apoio oficial para as filmagens.

⁵ BERNARDET, Jean Claude e RAMOS, Alcides Freire; *Cinema e História do Brasil*, São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

Em entrevista concedida para a realização deste artigo, Reinaldo Cardenuto Filho, curador da mostra *Golpe de 64: amarga memória*, declarou que Aníbal Massaini, condicionou a exibição do filme na mostra à publicação junto à sinopse na programação de uma nota intitulada *Esclarecimento do produtor* aqui transcrita:

“ Independência ou Morte foi produzido Oswaldo Massaini, a partir da sugestão de seu filho Aníbal, que veio a se tornar o produtor executivo do filme. A direção esteve a cargo de Carlos Coimbra.

Oswaldo Massaini realizou esta reconstituição histórica exclusivamente com recursos próprios. Não houve qualquer apoio do governo à sua realização.

Enviado a Brasília, para obter o certificado de censura, ele recebeu classificação para dez anos. Após nosso apelo para a redução desta classificação, foi assistido por algumas autoridades e passou a ser enaltecido e recomendado para alunos do primeiro e segundo graus. O governo da época tomou conhecimento deste filme quando já estava finalizado. Oswaldo Massaini reuniu em torno desta produção a melhor equipe técnica e artística disponível. Lançada na semana da pátria de 1972 para comemorar os 150 anos da Independência, tornou-se grande sucesso de bilheteria, que perdurou nas três décadas seguintes.

Cinedistri.

Se, depois de mais de três décadas, ainda causa mal estar a associação do filme como propaganda oficial a serviço do governo militar, a este não houve qualquer constrangimento ou restrição. A Agência Nacional de Propaganda ainda utilizou um trecho do filme (a cena do grito) para editar um comercial em 1972 assinado com a vinheta oficial em áudio: *“A Independência somos todos nós”*.

BERNARDET⁶ é quem utiliza o termo encampar ao relatar que o governo tomara posição ideológica e estética, ajudando a vender o filme. O autor ainda relata que numa terceira fase de tentativas de estimular a produção de filmes históricos, o então novo Ministério da Educação nos anos setenta apontou *“ Independência ou Morte”* como modelo a ser seguido. Transcreve ainda um telegrama do presidente da República:

⁶ BERNARDET, Op. Cit

“Acabo de ver o filme Independência ou Morte” e desejo registrar a excelente impressão que me causou. Está de parabéns toda a equipe: Diretor, atores, produtores e técnicos pelo trabalho realizado que mostra o quanto pode fazer o cinema brasileiro nos caminhos de nossa história, Este filme abre amplo e claro horizonte para o tratamento cinematográfico de filmes e emocionam e educam, comovem e informam a nossas platéias. Adequado na interpretação, cuidadoso na técnica, sério na linguagem, digno nas intenções e sobretudo muito brasileiro Independência ou Morte responde á nossa confiança no cinema Nacional.

Emilio G. Médici, Presidente da República.

Considerações Finais

Através do exposto neste artigo procurei levantar elementos para responder as questões iniciais e demonstrar que o uso de uma obra de arte, como propaganda oficial, depende mais da eficácia que este venha a ter do que da real intenção desta finalidade ou mesmo do conteúdo estético e ideológico.

Das três canções citadas de autoria de Miguel Gustavo, pode-se afirmar que, apesar da crítica quase explícita aos regimes autoritários de “Samba da vida” e do fato do “Hino do sesquicentenário” ter sido composto de encomenda pelo governo militar para as comemorações, ambas não obtiveram o mesmo sucesso que “Pra frente Brasil”, composição pragmaticamente mais associada á ditadura, embora sua da intenção original fosse servir apenas como jingle dos patrocinadores da retransmissão do Copa do mundo.

Não se pode deixar de levar em conta o alcance e a visibilidade que a conquista do tri campeonato na Copa de 70 alcançou, ao contrario do desempenho do “*Samba da vida*”, não classificada para as finais da I Bienal do Samba, o que dilui a sua visibilidade dentro do evento da TV Record. Por essa ótica e em outro eixo, pode ser comparado o caso de um filme estrelado por um “casal global” (“*Independência ou Morte*”) e um samba-enredo paulistano da fase anterior aos sambódromos e à cobertura televisiva intensa (“*Chamamos aos Heróis da Independência*”).

Entendendo encampação e patrulhamento com consequência, “*Pra Frente Brasil*” e “*Independência ou Morte*” vieram a se constituir como grandes ícones do regime militar mais pela amplitude que vieram a tomar que pelas intenções, seja da composição / produção, seja das encampações por parte do governo que, como na maioria das vezes, foram feitas depois de consagrado o sucesso da canção e do filme.

BIBLIOGRAFIA:

ÂNGELO, Assis. *Pascaligundum! Os Eternos Demônios da Garoa*. São Paulo: Ed. do Autor, 2009

BERNARDET, Jean Claude e RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e História do Brasil*, São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

FERRO, Marc. *Cine y historia*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 1982.

GARCIA, Nelson Jahr. *Propaganda: Ideologia e Manipulação*; eBooksBrasil, 2002.

XAVIER, Ismail; BERNARDET, Jean Claude e PEREIRA, Miguel. *O Desafio do cinema: a política do estado e a política dos autores*, Rio der Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS:

MÁXIMO, João. *Jingle também acaba em samba* in O Globo; Rio de Janeiro: 2000.

CHAGAS, Luiz. *Direita, volver!* In Revista Istoé nº 1653, São Paulo, 06/06//2001.

DISCOGRAFIA:

“*Brasil, 150 anos de Independência– São Paulo, o samba pede passagem.*” , LP TC-008 , Tapeçar, 1972.

A História de 1972 – ZYD-66 - Rádio Jornal do Brasil AM/940 Khz. Documento Sonoro em Disco Continental; Produtor: Fernando Veiga; Locutores: Sérgio Chapelin e Eliakim Araújo. Gravações Elétricas, 1972.